



A NAIFA

CANÇÕES SUBTERRÂNEAS

Columbia/Sony Music

7/10



LIANA

FADO.PT

Different World/EMI

1/10



VÁRIOS

CHILLFADO V.01

2Dance/Som Livre

4/10

>> Jorge Mourinha

«*Está um dia/ tão bonito/ e eu/ não fornico*», canta Maria Antónia Mendes em «*Meteorológica*» sobre um cocktail de programações e guitarra portuguesa. Lucília, já não estamos em Alfama e este não é o «novo Fado» de que muito se tem falado que, apesar de tudo, acaba por estar musicalmente inscrito na tradição clássica do género, mesmo quando procura inovar em termos de repertório. Aqui quer-se trazer o Fado para outros ambientes; o problema é que ele exige uma genuinidade, uma vivência, uma entrega que não se compadecem com poses, aparências ou teorias mais ou menos elaboradas. Uma velha canção de Eric B. & Rakim dizia «*I know you got soul*». E o Fado é uma espécie de soul branca lisboeta: ou se tem ou não se tem.

Dentro dos experimentalistas que pegaram nas raízes do Fado em busca de uma nova música urbana lisboeta, Anamar e Paulo Bragança tinham-na e não é, por isso, casual que o som que ouvimos nestes três discos deva muito aos pioneiros *Almanave* e *Amai*. Em todos eles se sente também a busca de uma espécie de Fado-Lux que transforme a velha melopeia trágica num objecto de inteligente concepção, imaculada estética e design moderno que caia bem nos sítios da moda. Aquilo que distancia o único realmente conseguido — o disco de *A Naifa*; isto é, o novo projecto de João Aguardela e Luís Varatojo depois de *Linha da Frente* — é não abdicar de uma «ligação à terra» que ecoe o quadro de referências que se quer invocar. Quer no uso refrescantemente não virtuoso da guitarra portuguesa, quer nos requebros vocais de Maria Antónia Mendes, quer na opção por textos de poetas (aqui contemporâneos), *Canções Subterrâneas* evoca um passado sem se ater demasiadamente a ele, usando-o como ponto de partida para uma pop cosmopolita de travo fadista cujo único ponto fraco (cortesia da opção pela programação electrónica) é parecer ter sido gravado em 1987.

Essa procura de uma linguagem pop-fadista é partilhada pela estreia da cantora Liana, revelada pelo musical *Amália* de Filipe La Féria. *Fado.pt*, contudo, de alma fadista nada tem, com a cantora a perder-se em inapropriadas demonstrações de um inexistente virtuosismo vocal por sobre arranjos de um pretensiosismo arrepiantemente piroso. É apenas um triste equívoco que confunde vontade com talento. Já a compilação *Chillfado V.01* propõe reinterpretações de fados ou aparentados (Carlos Paredes é aqui presença recorrente) por nomes ligados à electrónica, terminando com uma remistura de «O Deserto», de Mariza, por Plaster. Só que, à excepção de «Plano», assinada por Renoiser (alter ego de Miguel Cardona dos Coldfinger), a sensação é a de que se procurou encaixar à força duas linguagens que apenas podem coexistir em condições ideais de temperatura e pressão aqui inexistentes — e por muito que *Chillfado* aspire a ser «música de fundo» para ambientes sofisticados (o que até consegue em alguns momentos) é preciso mais que tarefeiros competentes mas sem inspiração para a fazer bem feita. No género, é favor ouvir (e aprender com) o que os Shelter Av. fizeram em *Movimentos Perpétuos*, com «O Sono».